

## Eu sou Terezinha

*Terezinha de Jesus Oliveira da Silva e  
Fernanda Arêas Peixoto*

**Resumo:** Este retrato (ou perfil) de Terezinha de Jesus Oliveira da Silva é fruto de diversos encontros, conversas e entrevistas gravadas. Ele teve origem no interesse dela e da antropóloga Fernanda Arêas Peixoto, que assinam o texto, de realizar um registro das experiências da artesã e sindicalista de São Félix, BA, figura notória e mais de uma vez homenageada em sua cidade natal. Ainda que referidos a uma vida singular, os trajetos de Terezinha por tempos e espaços variados fazem ecoar outras experiências e histórias da região do Recôncavo baiano e do país.

**Palavras-chave:** Recôncavo baiano; biografia, memória

---

## I'm Terezinha

**Abstract:** This portrait (or profile) of Terezinha de Jesus Oliveira da Silva is the outcome of several meetings, dialogues, and recorded interviews. It was prompted by her and the anthropologist Fernanda Arêas Peixoto's interest in documenting the experiences of the craftswoman and trade unionist from São Félix, BA, a notorious figure who has been honored more than once in her hometown. Although they refer to a singular life, Terezinha's journeys through different times and spaces echo other experiences and stories from the Recôncavo region of Bahia and the rest of the country.

**Keywords:** Recôncavo baiano; biography, memory.

## Yo soy Terezinha

**Resumen:** La creación del presente retrato (o perfil) de Terezinha de Jesus Oliveira da Silva es el resultado de varios encuentros, conversaciones y entrevistas grabadas. Surgió de su interés y del de la antropóloga Fernanda Arêas Peixoto por registrar las experiencias de la artesana y sindicalista de São Félix, BA, figura notoria que ha sido homenajeada más de una vez en su ciudad natal. Aunque se refieran a una vida singular, los recorridos de Terezinha por distintos tiempos y espacios se hacen eco de otras experiencias e historias de la región de Recôncavo, en Bahía, y del resto del país.

**Palabras clave:** Recôncavo baiano; biografía, memoria.

## Eu sou Terezinha

Terezinha de Jesus Oliveira da Silva nasceu em 15 de outubro de 1936, em São Félix, Bahia, cidade onde reside até hoje, alternando períodos na casa da família em Salvador. Teco, como é conhecida, teve nove filhos: Madalena, Isabel, Lucia Marina e Marina Lucia (gêmeas); Maria Regina, Márcia Cristina, Mônica Maria, Milena Raimunda e João, além de doze netos. Artista-artesã, sindicalista e adepta do espiritismo, ela é personalidade conhecida e mais de uma vez homenageada em sua cidade natal; não por acaso, em maio de 2022, figurou entre as personagens emblemáticas da cidade em uma exposição no Arquivo Municipal de São Félix.

Notabilizou-se também por sua participação como costureira na minissérie da Globo, Tenda dos milagres (1985) e depois na novela Velho Chico (2016), onde apareceu vendendo doces, em Cachoeira. Entre as duas experiências, sempre por ela mencionadas, lembra-se, com alegria, de uma visita de Augusto Bial à sua casa para uma entrevista, depois exibida. Costuma referir-se ainda a um programa da TV Futura, do qual também tomou parte. Além do orgulho de ter realizado esses trabalhos - que a fizeram ter contatos com o mundo da televisão -, conta que eles permitiram-lhe avançar a construção de sua casa: colocou as portas, o piso, iniciou a cozinha, ainda por terminar.

Conheci Terezinha em 2018 em uma primeira visita a São Félix e Cachoeira, interessada em me aproximar do trabalho das artesãs nessas cidades. Ela me impressionou imediatamente por sua inteligência, vivacidade expressiva, também por sua altivez. As nossas conversas continuaram e nem os dois anos da pandemia conseguiram nos afastar. Em meio aos nossos encontros, fui apresentada a parte de sua família e aos diversos certificados dos cursos que realizou ao longo da vida: de corte e costura; de cozinheira e cabelereira; manicure, datilógrafa, cursos de teatro, além daqueles voltados à formação religiosa e política. “Tudo na vida precisa de cursos”, ela não se cansa de dizer.

Certa vez Terezinha manifestou o desejo de deixar um registro de sua vida, e foi aí que nasceu a ideia desta publicação, que foi germinando, crescendo e tomando a forma de um retrato; retrato composto ao ritmo das trocas que tivemos entre novembro de 2018 e outubro de 2022, em São Félix e Salvador, parte delas gravada e acompanhada por fotografias, com as quais ela colaborou, sugerindo tomadas, poses e materiais.

Terezinha selecionou os traços do seu retrato; eu funcionei como interlocutora e editora, conferindo forma escrita às conversas, mas procurando não trair o seu estilo oral, tão próprio, e guiada de perto por sua orientação: “gosto das coisas muito bem-feitas”. Concluído o trabalho, decidi acrescentar algumas notas de rodapé de modo a esclarecer o leitor e indiquei, ao final, alguns títulos que me ajudaram a seguir e melhor compreender as histórias de Terezinha. Não se trata de uma bibliografia exaustiva, apenas indicativa.

O relato está organizado em função dos espaços e experiências a eles ligados: casa; escola; fábrica; o Centro Cultural Dannemann; o clube de mães; o centro espírita; a merenda escolar e o sindicato. Testamos juntas a estrutura e a forma do texto em uma leitura em voz alta, realizada em outubro de 2022. Nesta ocasião, remendamos e retocamos a escrita, ajustamos também as fotografias que fizemos juntas ao longo desses anos, e que funcionam para ilustrar a narrativa, conferindo novas cores ao perfil esboçado.

Além de atender às solicitações de Terezinha, a decisão de publicar estas linhas está apoiada na convicção de que sua história é, ao mesmo tempo, única e partilhada, exemplo e exemplar. Os traços de seu perfil fazem ecoar outros, ajudando-nos a compreender experiências e pertencimentos de classe, raça e gênero, conduzindo-nos também pelos meandros da história de uma região e do país.

O retrato de Terezinha lança ainda diversas sugestões aos antropólogos, que pensamos com exemplos, atentos às potências evocadoras e persuasivas de casos e situações particulares<sup>1</sup>. Mas não vou explorar aqui essas dimensões, de modo a não adiar o encontro do leitor com Terezinha a quem passo imediatamente a palavra.

### **A família, a fábrica**

Houve mulheres muito importantes na minha vida: minha mãe, minha prima, também minha avó, a mãe de minha mãe que era escrava; ela não era bem escrava, acho que pegou o finalzinho da escravidão. Mamãe contava que ela trabalhava na casa de um alemão em Muritiba (em Muritiba tinha uma fábrica da Dannemann). Mamãe dizia que os alemães botavam ela sentada em cima da mesa, na hora do café, do almoço, da janta; botavam um pratinho e ficavam olhando ela comer. Ela também foi charuteira da Suerdieck, e se aposentou na Suerdieck<sup>2</sup>. Ela se chamava Alta, não sei o resto do nome, mas tinha Souza, que era o nome do meu avô. Minha mãe, Eduarda, nasceu em 1913. O meu avô, que eu conheci, marido da minha avó Alta, era pedreiro, se chamava Prisco Justino de Souza. Minha mãe era Eduarda Souza. Aquele portão do chalé em São Félix, foi meu avô que fez, um portão de pedra. O homem que comprou o chalé quebrou o portão. Eu tinha um orgulho daquele portão! Era uma alvenaria diferente: meu avô botava as pedras, passava um pano, arrumava, alisava. Uma coisa linda a alvenaria dele, tudo de pedra<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> Cf. Lars Højer & Andreas Bandak, “The power of exemple”, *Journal of the Royal Anthropological Institute* (N.S.), 1-17, 2015, p. 1-17. Agradeço a John Comeford a indicação deste, e de outros, textos, e ainda a Thaís Fernanda Salves de Brito e a Evaldo Ferreira Simões, anfitriões-amigos-parceiros. Este texto foi produzido no âmbito do projeto temático financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP (Processo nº 2020/07886-8).

<sup>2</sup> A Dannemann & Cia. é fundada em 1873 por Geraldo Dannemann, funcionando com diferentes razões sociais até 1955; além da fábrica em São Félix, teve unidades em Muritiba e Maragogipe. A Suerdieck, por sua vez, criada por August Suerdieck, manteve-se em atividade entre 1905 e 1946, com parques fabris em Maragogipe, Cruz das Almas e Cachoeira, quando se transforma em Suerdieck S/A.

<sup>3</sup> O chalé foi construído em 1907, por iniciativa de Eduardo Guinle, para servir como alojamento de diretores e técnicos envolvidos na construção da Barragem de Bananeiras, São Félix, inaugurada em 1920.

Disponível:

<https://memoriadaeletricidade.com.br/acervo/31165/usina-hidreletrica-bananeiras> (consultada em 12 de outubro de 2022).



O “chalé” entrevisto da casa de Terezinha, na Baixa Fria, São Félix. Agosto de 2018.

O meu pai trabalhava na banca de capa da Dannemann, no lugar onde hoje fica o Centro Espírita, na beira do rio Paraguaçu. Meu pai era um dos que arrumava o fumo que ia depois para a charutaria. E minha mãe trabalhava na charutaria. Na Dannemann, tinha três repartições. Tinha a repartição do negro, que era logo na frente; a repartição de quem era mais claro, que ficava onde tinham as escadas e a dos brancos, que trabalhavam onde hoje é a Casa da Cultura de São Félix<sup>4</sup>; eles é que anelavam o charuto. Era tudo separado.

Minha mãe trabalhou na Dannemann. Diz que foi trabalhar lá com seis anos de idade; eles botavam uma tábua em cima da outra para ela poder se sentar, de tão pequena que ela era! E de lá ela não saiu, só quando a fábrica fechou. Depois que a Dannemann fechou a gente teve que carregar fumo na cabeça para poder sobreviver. Minha mãe era charuteira, muito desenvolvida, por isso o povo chamava ela de ‘deputada’. É como eu disse: ela nasceu como uma escrava, mas nunca foi escrava em outra encarnação, a gente vê no desenvolvimento dela. Na fábrica, eles davam a lista do dinheiro, do pagamento, e ela é que distribuía tudo, com todo o troco, com tudo certinho. Ela via a primeira letra e a última e já sabia qual o nome que estava escrito. Uma vez que ninguém queria pegar a tarefa, disseram assim “dá para D. Nenê”. Mas D. Nenê, como era chamada, não sabe ler, disse um outro. “Dona Nenê não sabe ler? Oxente? Quanto mais se ela soubesse!”. O presidente da fábrica é que disse “Quanto mais se ela soubesse”, porque ela era danada. E assim ela criou as filhas dela, dentro desse desenvolvimento da deputada que ela era.

<sup>4</sup> A Casa da Cultura Américo Simas, instituída em 1984, localiza-se na rua Cel. João Severino da Luz Neto, em São Félix, em casarão hoje tombado pelo IPHAN, que abrigava originalmente parte das dependências da fábrica de charutos Dannemann.

Meu pai também trabalhou no Dannemann, mas eu não sei como ele entrou lá. Ele era um homem danado, um menino danado. Meu pai morreu sem se dar muito bem com o pai dele, que não vivia com a minha avó. Ele não gostava do filho porque era preto. Meu tio nasceu mais claro, preto “raceado” com índio. Minha avó ia fazer queixa a ele, porque papai não queria estudar, não queria nada, aí ele dizia: “Deixa lá, aquilo ali vai dar para carroceiro”. E carroceiro na minha época era quem não fazia nada, quem ficava à toa.

Meu pai arrumava o fumo, não destalava não; ele abria o fumo botava para imprensar, aí outra pessoa vinha, tirava, tornava a imprensar e mandava para a charutaria. Meu pai, junto com um grupo, preparava todo o fumo na banca de capa, mas entregava a outra pessoa para levar para o encaixe, onde fazia a preparação do charuto, porque lá não entrava negro. Meu pai então trabalhava na banca de capa, preparava o fumo, botava para secar, tudo era com ele. E minha mãe trabalhava na charutaria, onde faz o charuto, para botar no papel celofane, botar o anel e depois botar naquelas caixas bonitas<sup>5</sup> Ali não entrava negro; ela entrava, mas eu não entrava. Agora acalmou um pouco, o povo já sabe quem é branco e quem é preto, mas no meu tempo a minha mãe era considerada branca, mas ela era até mais fechada que Noêmia que trabalhava no encaixe. Mas na porta do Dannemann a gente não chegava.

Já o meu tio Satu, Saturnino Bispo, irmão de meu pai, estudou, não se formou, mas estudou, e achou um lugar na estiva, no porto de São Félix. Ele viajava muito, recebia cargas grandes que vinham de fora, com comidas, bebidas, muita coisa boa... E quanto ao meu pai, meu avô dizia que ele dava para carroceiro. Aí, quando a fábrica fechou e meu pai foi mesmo puxar carroça, aí ele lembrou do que o pai dizia, aquilo marcou. Meu pai morreu no ano em que ia fazer 100 anos (minha mãe faleceu mais cedo porque deu um câncer no intestino). A mãe de Lourdes, minha prima, disse que num dia de sábado, passou e viu que ele estava na ponte D. Pedro II olhando para baixo, para dentro d’água, e ela teve a impressão de que ele ia se jogar dentro d’água. A fábrica fechada, trabalhavam ele e minha mãe, todo mundo pequeno...

Ele então foi trabalhar com um senhor que morava na mesma rua, era pedreiro e carpinteiro; ele disse que aceitava papai, mas quando papai foi acertar com ele, botaram outro no lugar. Depois ele conseguiu um trabalho, com uma parente da gente, um trabalho de mata-mosquito, naquela época chamava de mata-mosquito aqueles que botavam remédio nas casas<sup>6</sup> Mas não durou muito. Papai acabou trabalhando de pedreiro a vida toda, terminou a casinha da gente em São Félix, depois se aposentou, foi para a “Baía”, fez a casa dele na capital, no Pau Miúdo, ainda tem a casa lá.

<sup>5</sup> Destalar o fumo, o termo indica, significa retirar o talo do meio da folha de fumo. Na charutaria, juntam-se as folhas de fumo para alcançar o formato adequado do charuto. Uma vez preparado, este é “anelado” com um selo de identificação, depois embalado com papel tipo celofane e “encaixado”, quer dizer as unidades são organizadas em caixas de madeira.

<sup>6</sup> Os funcionários que integraram as chamadas “brigadas sanitárias de Oswaldo Cruz”, organizadas para combater a febre amarela no começo do século XX, foram chamadas pela população de “mata-mosquitos”. Com inseticidas, percorriam ruas e casas de modo a promover a desinfecção de locais com as larvas dos insetos. Disponível em: <https://oswaldocruz.fiocruz.br/index.php/biografia/trajetoria-cientifica/na-diretoria-geral-d-e-saude-publica/combate-a-febre-amarela> (consultado em 1º de outubro de 2022).

Depois que me casei, o meu marido comprou um terreno grande na Sussuarana, isso muito depois do casamento. Ganhando salário-mínimo, ele comprou um pedaço de terra, na época por 60 reais. Ele tinha esse dinheiro no banco; ele era assim, aconteça o que acontecer, ele guardava dinheiro. Quando apareceu o terreno ele comprou, dividiu logo os terrenos por todo mundo, para cada filho deu um pedacinho, ninguém ficou com fome por ter que pagar casa de aluguel. Cada filho tem a sua casa ali ao redor do casarão. Não é uma mansão, mas casa de gente pobre em Salvador.

Na época do Dannemann também tinha muita festa; o povo do Dannemann brigava com o povo do Costa por causa de festa; quando isso acontecia, minha mãe não podia ir buscar o fumo para distribuir, era eu que entrava e pegava o fumo, e meu pai ficava na porta. Era cada festa bonita! O Costa era uma fábrica onde hoje é a rodoviária de São Félix; era a fábrica do Costa Penna, também de charuto<sup>7</sup> Elas eram rivais. Quando era festa do Dannemann, os alemães vinham para a cidade e eles gastavam muito. Era festa de terno de reis. De manhã, era a lavagem; à tarde, o terno e à noite, a novena. E tinha a noite do Dannemann e a noite do Costa. Então, uma queria fazer melhor que a outra. Eles cantavam, uma das músicas dizia assim: “Viva S. Adolfo, que é um patrão de ouro, Deus que lhe dê saúde prá gozar de seu tesouro”. Aí as mulheres saíam todas vestidas, a gente ia muito bem-vestida, era só você vendo... Mamãe arrumava a gente, mandava fazer a roupa na costureira, saia de bico, toda de renda. Saia godê, com laços. Eu tinha a minha costureira. Eu me lembro que tive um vestido azul todo de casa de abelha, com aquela fita azul acetinada, a manga também de casa de abelha... Lembro que tinha um samba de roda na porta do Dannemann durante o dia e de noite era lá na praça, era lindo, lindo! Tinha também um terno das cozinheiras, as mulheres com as saias rodadas, uma saía com prato, outra com panela... Isso era de manhã. E de tarde, saía outro tipo de terno, mais grã-fino.

Encontrei um rapaz no banco esses dias e lembrei do pai dele: Zeca, filho de D. Santa, ele saía de fraque com a palmatória na mão e passava na porta do Costa e cantava assim: “Não convém trabalhar, que esse ano vocês não vão ganhar. O nosso conjunto tem raça, as morenas têm valor! Vocês fiquem cientes que este ano vocês apanham”. Aí mostrava a palmatória. E a gente atrás... E três dias depois saía o resultado de quem tinha ganhado, se era o Dannemann ou o Costa. Se fosse o Dannemann, saía todo o terno de novo, chegava na porta do Costa, arroteava... e o povo do Costa não abria as janelas não. Ficava só olhando pelos buracos. Era lindo, uma coisa muito bonita.

<sup>7</sup> A sociedade “Costa Ferreira & Penna” tem origem com a fábrica de charutos Utilidade fundada, em 1851, em Recife pelo português Manoel da Costa Ferreira, que se mudaria em seguida para a cidade de São Félix. Com sua morte, seu filho Manuel Costa Ferreira Filho e o gerente, Manuel Costa Ferreira Penna, formam a sociedade Costa Ferreira & Penna, que permanece como tal até 1914. Em 1926, a firma passa a se chamar Costa Penna & Companhia, sob a direção de Manuel Costa Penna.

## O Centro Cultural Dannemann



Dona Terezinha com a capa do livro da história do Centro Cultural Danemann, escrito e confeccionado em 2006, por Terezinha. Agosto de 2018.

Este é o livro que eu fiz no Centro Cultural Danemann<sup>8</sup>. Veio a moça dar um curso do livro de pano. Aí eu disse: eu tinha vontade de fazer a história do Dannemann, porque o Dannemann marcou em tudo, tanto na perversidade, como marcou nas coisas boas. Eu tinha cada roupa bonitinha no tempo de festa! Eu sei ainda as músicas do Dannemann. A história do Dannemann eu pesquisei, pesquisei em São Félix, veja aqui: Tereza de Jesus, a Companhia de Charutos Dannemann de São Félix. Artesanato contando a história de São Félix, maio de 2006. Tudo fui eu que escrevi. Eu fui pesquisar. Vou ler.

*São Félix e a indústria de charutos Dannemann. As indústrias de charutos tiveram grande participação na construção da história da cidade de São Félix. A produção de derivados do fumo possibilitou transformações sociais, a partir do século XIX. Redimensionada a economia da região estabelecendo novas relações entre patrões e operários (...). A fábrica de charutos Dannemann localizada na antiga rua das Princesas n. 15 foi fundada por Geraldo Dannemann em 1870. Ela é um dos exemplos de promoção de transformações sociais. A fábrica se destacou no mercado de manufatura fumageira da região e pôs em evidência seu ilustre fundador. Geraldo Dannemann se distinguiu como industrial de elevado tino pelo seu amor à cidade de São Félix apesar de ser estrangeiro de nascimento, obteve o respeito dos moradores dessa terra, casou-se no Brasil, estabelecendo-se com uma pequena fábrica de charutos em São Félix (esta capa*

<sup>8</sup> O Centro Cultural Dannemann foi criado em 1989, em espaço ocupado por amplo armazém de fumo do final do século XIX, que fora ocupado pela firma Alfredo B. Barros e transformado em garagem de ônibus e depósito de sucata. O projeto do centro é de autoria do arquiteto Paulo Ormino de Azevedo (1937-).

*é de sumatra, esta capa é estrangeira, aqui no Brasil não tem não, tem assim uma pessoa que planta, aqui no Dannemann tinha, Pedro Arcanjo plantou, essa eu roubei até na época, cheguei lá e peguei. Isso eu pedi ao gerente da fábrica<sup>9</sup> [1]). Formando-se um industrial poderoso, Geraldo Danemann possibilitou muitas coisas, centenas de pessoas pobres de ambos os sexos encontraram em suas fábricas os meios para sua subsistência. Mostrou como se pode aproveitar o trabalho da mulher sem explorar. A firma Danemann passava, portanto, por diversas modificações. Em 1922, constituiu-se em sociedade anônima sob a denominação Companhia de Charutos Dannemann, passando a ser dirigida por Ernesto Tober, cidadão suíço. Geraldo Dannemann, após 10 anos de fundação de sua fábrica de charutos, foi agraciado pelo então imperador do Brasil D. Pedro II com o título de imperador dos charutos. As contribuições de Geraldo Dannemann se resumiram a criação de empregos na fábrica de charutos, passando pela administração pública em São Félix, promoveu muitos melhoramentos porque garantiu a gratidão dos são felistas. A participação de compatriotas na produção de charutos Dannemann: também tiveram destaque Luís... e João Adolfo Jr. em ajuda a Geraldo Dannemann, garantindo propriedade à firma e garantindo o seu mercado internacional<sup>10</sup>.*

Eu fiz também teatro no Centro Cultural Danemann, com o prof. Rai, da capital e mais tarde na Casa da Cultura. Depois tomei parte na 1ª Bial do Recôncavo. Foi assim. Regina, minha filha, me levou para fazer a inscrição na última hora. Passei a noite costurando para poder inscrever o meu trabalho - um pano grande de bainha aberta, todo aplicado - que ficou exposto numa galhada. Tive a sorte de Pedro Arcanjo me querer no Centro Cultural. Ele foi muito importante, ficamos amigos<sup>11</sup>.

### **As escolas, a casa de Lourdes**

Minha mãe sempre dizia que filha dela não era para trabalhar na cozinha dos outros. Minha mãe que era analfabeta de pai e mãe sentiu muita dificuldade na vida, e ave maria que um filho dela fosse analfabeto! Aí ela botou logo a gente na escola. Minha mãe era danada. E eu nunca quis ser 'aquela', eu queria ser Terezinha, eu queria estar presente, eu não queria que ninguém me mandasse, isso por causa da minha criação dentro de casa, por causa da minha mãe, que nunca aprendeu a ler, mas era uma mulher desenvolvida. E ela aprendeu com minha avó. Mesmo na pobreza, fui muito bem-criada.

Minha mãe pagou os meus estudos com o salário do Dannemann. Fiz as primeiras letras no colégio de D. Caluzinha. Quando saí da escola de D. Caluzinha, fui para D. Eunice, onde não entrava negro, era o Colégio Ana Néri,

<sup>9</sup> Sumatra é uma qualidade de tabaco, proveniente de ilhas que compõem o arquipélago da Indonésia. Produz folhas de capa de cor marrom.

<sup>10</sup> Nota do editor: seguindo a orientação das autoras, mantivemos em itálico este fragmento do texto a fim de ressaltar que a descrição posta é fruto da pesquisa feita por D. Terezinha. Esta pesquisa foi lida, em voz alta, para Fernanda Peixoto na ocasião da preparação do material.

<sup>11</sup> Pedro Arcanjo da Silva, artista e pesquisador, foi diretor do Centro Cultural Dannemann que funcionou de 1989 a 2020; coordenou a Bial do Recôncavo, cuja primeira edição data de 1991.

onde lecionava D. Eunice. D. Eunice não era formada, o marido dela é que era; ele trabalhava na fábrica do Costa. A escola ficava na casa dela, na virada, onde tem o INSS em São Félix. Da quarta para quinta série é que eu fui para o colégio de uma professora que morou na América, D. Adalgiza, era numa casa em frente à bomba de gasolina, ao lado da Caixa Econômica, na saída da ponte para Cachoeira. Tirei aí o quinto ano. E tinha que fazer a prova de admissão ao ginásio. Eu tenho o certificado. Naquela época, para se empregar tinha que ter a prova de admissão, era como se fosse o vestibular. Eu fiz, mas não fui para lugar nenhum. Ali parei de estudar. Eu fui a mais velha, mamãe me deu o estudo completo. E todas as minhas irmãs e minhas filhas têm o estudo completo.



Na casa amarela, à esquerda, junto à praça José Ramos, funcionava a escola de D. Adalgiza. Outubro de 2022.

Na escola “americana” da profa. Adalgiza, na escola primária, todo dia de manhã, ela fazia, antes de tudo, um pronunciamento, *A descrição*: “Ouve, vê e cala. Viverás vida folgada. Tuas portas cerrarás. Teus vizinhos louvarás. O que falas, não crerás. O que ouves, não dirás. Se queres viver em paz”. Mais um pedacinho, dizia assim: “Seis coisas a cumprir e a atender. Quando falares de ti mando de quem fala onde e o quê, e a quem, como e quando”. E ela explicou: por que às vezes a pessoa fala, tem que ver como é, saber se foi mentira ou não. D. Adalgiza era uma morena fechada, se casou com s. Anacleto, sapateiro, que era branco. Ela era uma mulher autêntica, era impressionante. Falava enrolando o “r”, com orgulho de ser uma pessoa formada.

Depois minha mãe me colocou na costura, na casa de uma prima: aí aprendi tudo: a varrer, a lavar prato, a costurar, a preparar casamento. Aí, todo mundo ia para o casamento, uma alegria! Para que mal dizer a minha sorte?

A escola era pela manhã, eu ia para a costura de tarde. Eu era muito danada e aí papai me botou na costura. Meu pai me levava para a casa da minha prima, Maria de Lourdes do Rosário e no final do dia ia me buscar. Tudo o que eu sei, tudo, aprendi com ela: costurar, costura de mão, chuleado, doce, bordado, doce seco, cuidar da casa, limpar a casa, varrer a casa, carregar água... Desde a idade de sete anos, eu ia para a casa dela aprender.



Detalhes de trabalhos feitos por Terezinha. Novembro de 2018

E Lourdes ensinou a muitas meninas. Naquela época, os meninos danados quando chegavam da escola tinham que fazer alguma coisa. Então ela ficava com muitas crianças. Eu aprendi a fazer tudo: lavar prato, varrer casa, fazer flores, fazer comida, fazer doce, doce cristalizado, aprendi a engomar. Quando mais tarde eu dava curso e as meninas faziam aquelas colchas bonitas e me diziam “eu já engomei”, aí eu ia ver e a colcha estava toda machucada! Eu dizia: “você não sabem engomar. Traga”. Levava o ferro lá para o Dannemann, fazia a cama no chão para não queimar a mesa, como acontecia. Eu dizia: “primeiro molha tudo, engoma tudo pelo direito, depois que engoma pelo direito, torna a molhar e engoma pelo avesso na ponta do ferro para os bordados não pularem”. Hoje os homens não vestem mais calça enfiada porque ninguém mais sabe engomar.



Doces de frutas feitos por Terezinha, secando na janela de sua casa, em São Félix. Novembro, 2018.

Fiz cortina com resto de saco da fábrica; às vezes eu ia até para Cruz das Almas pegar os panos; fazia bordado e bainha aberta, fazia fuxico; toalha para mesa grande, toalha de mão, conjunto (eu sempre gosto de fazer conjunto), pano de fogão. Eu não gosto de fazer muita coisa que me aborreça não, eu só faço o que não me aborrece. Às vezes fazia o arremate e Roquinha o ponto cheio - eu não sei por que eu não faço ponto cheio. E eu ensino. Tem uma que mora ali em frente de casa, Mariana, ela aprendeu a fazer o ponto cheio, uma beleza. Eu fiz um crivo e dei a ela para fazer o ponto cheio, fiz a colcha do meu casamento, em richelieu. O forro foi de cetim, com babado de tule. Tinha também um ramo de flores, bonito, que eu mesma fiz. Foi difícil ter as minhas coisas, mas num instante eu comprava o boleador, esquentava ele e apertava a flor cortada, e com ela fazia a caminha, aquele travesseirinho acolchoado.... Eu sei botar a goma no cetim. O cetim na goma, e o espelho, nem precisa passar a ferro, o cetim fica lisinho... Pega o espelho bota o cetim e aí vem com o papel de seda e bota por cima e deixa lá, quando você tira, está liso, espelhado... Não sei se lembro mais não.



Detalhes de seus trabalhos de fuxico. Novembro de 2018.

### **O centro, o espiritismo**

O começo da minha vida com o espiritismo foi com os meus 16 anos. Eu tive uma crise e essa crise me pegou no cemitério. Teve um enterro de um amigo, eu comecei a chorar, a gritar, e daí em diante eu fiquei com obsessão, obsedada, queria me matar, queria me jogar debaixo do carro, debaixo do trem. Era gritando, eu acordava gritando. Eu estava dormindo e já acordava gritando, mamãe me botou até para dormir na cama dela! Uma vez eu vi um bocado de corda no telhado, via, não sei se era verdade, mas eu via, um bocado de corda, aquele negócio todo embaraçado. Porque a obsessão é assim: quando a gente começa com a obsessão, começa pelo ente querido que está atuando, mas tem os adversários... e aí os adversários começaram a atuar, e querendo me matar, eu querendo me jogar debaixo do trem.

Mamãe chorava muito e eu levei quase um ano assim: melhorava uns dias, outros não, ficava num beco, varria aquele beco todo, botava uma esteira e ficava ali deitada o dia todo, e mamãe me levando para o médico, e o médico dizia que eu não tinha nada. E daí em diante, mandaram minha prima, mãe de Lourdes, e minha mãe me levarem para o centro espírita. Aí fui para o Obreiros do Bem em Cachoeira e chegando lá descobriram que minha avó paterna estava atuando, mas não era ela que fazia isso comigo.

Bem antes, logo que minha avó morreu, sete dias depois, ela começou a atuar em mim, eu com 7 anos. Eu era muito ligada a ela, só dormia com ela, agarrada, ela me criou praticamente. Eu morava na casa dela. No fundo do quintal, as casas eram juntas, a de vovó, a da mamãe. E eu dormia com minha

avó. Eu não vi quando ela morreu. Me lembro que ia muita gente lá. Eu percebia o movimento todo; deram banho nela, como se fazia naquela época. E minha mãe não queria que eu visse. Disse assim: você fica aí sentadinha, não saia daí não, mas eu sentia que estava acontecendo alguma coisa. Sete dias depois ela começou a atuar. Nunca me esqueço dela.

Ela começou a atuar, mas eu não via a minha avó, eu não sou vidente. Eu acordava assombrada e ia correndo para o quarto de mamãe, porque eu via coisas no telhado da casa. Meu pai e minha mãe me levaram primeiro para uma sessão de S. Odilon, no Salva Vidas. Quando eu cheguei lá, S. Odilon disse que era a minha avó que estava atuando. E eles disseram que iam amarrar o espírito, mas que eu só ia ficar boa com 15 ou 16 anos. Aí foi nessa idade mesmo que começou a obsessão, eu saía correndo pelo mundo, com vontade de morrer. Eu parecia que estava louca, não comia, não bebia, não falava com ninguém, só ficava zangada. Aí quando teve o enterro do amigo que eu falei, no enterro ela desabrochou. Senti um mal-estar, um esmorecimento, sem energia... Depois que eu fui evangelizada, isso passou. Foi com S. Félix no Obreiros do Bem.

Quer dizer, primeiro, mamãe me levou num centro em Cachoeira, mas o espírito disse que não queria ficar; depois mamãe me levou numa sessão lá no Salva Vidas, em São Félix, onde era o Consolador dos que Sofrem, e ele também disse que não queria ficar. Aí ela falou com um tal de S. Coelho, que era espírita kardecista, um homem preto, grande como S. Félix; ele não sabia ler nem escrever, mas S. Félix era um cientista mesmo. E ali o espírito logo se amostrou. E aí conversaram muito com ele, o espírito estava muito bravo, trevososo. Depois disso eu vinha para casa, tranquila, mas aí no outro dia ele tornava a se amostrar. Foi quando S. Félix perguntou a mamãe: já levou no médico? Já fez exame? E mamãe disse que sim, e S. Félix logo quis ver a receita, e disse “quando a senhora fizer os exames, se não der nada, a sra. volta aqui”.

Seu Félix, que era diretor do centro, logo me deu o Evangelho, minha mãe comprou, eu li, mas continuando e querendo me matar. Então ele me deu dois livros para ler: *A casa assombrada*, era um livro que só tinha assombração e *Martírios de um suicida*, onde a mulher se jogou debaixo de um trem e ela, depois de morta, o espírito sentia o trem passar em cima dos ossos, é horrível esse livro! Eu li esses livros com 16 anos, li logo, logo, porque não podia esperar. Eu cheguei logo no espiritismo, cheguei chegando. Logo, tudo meu foi logo<sup>12</sup>.

Minha mãe não era espírita, mas era ela que me levava. Meus pais eram católicos. Mas minha mãe ia em uma casa em Muritiba, não sei se era Nezinho ou era Mamédio; eram dois, ela se dava com os dois. Era casa de candomblé que ela ia quando era moça, mas quando se casou não foi mais. Ela gostava era de ver a festa. Mas com essa confusão toda da obsessão, ela mandou fazer uma mesa, em Muritiba, na casa desse candomblezeiro. E ele mandou dizer que não levasse o azeite não, que a minha seita era seita branca, e aí me levaram o espiritismo. Aí eu fiquei no centro espírita, e a primeira coisa que eu tomei foi o curso de evangelização. Eu não esperei nada no espiritismo, já cheguei logo e fui conscientizando.

<sup>12</sup> *A casa assombrada*, do médico e escritor cearense, Bezerra de Menezes (1831- 1900). Publicado originalmente como folhetim, no Jornal *Reformador*, em 1888, e em livro, em 1902. *Martírios de um suicida* é um romance de 1917, de Almerindo Martins de Castro (1883-1927). É conhecida a importância da literatura espírita na formação dos iniciantes.

Então é assim, quando você está doente, está com obsessão e você aceita a presença do espírito, ele pode estar bem de longe, mas ele já vem jogando os fluidos em você, ele pode estar ali, na porta da rua, e eu estou aqui, mas você já sente a vibração dele. Eu começava a sentir aquele fogo, aquele calor, aí eu inchava, aquele enxame, aí eu disse assim: como é somente com água fluidificada que eu melhorei? Às 6h da tarde e à noite eu ia para a meditação. No espiritismo é assim: só prece e meditação, água fluidificada e uma boa doutrina, como a de S. Félix. Era igual a do Seu Carlos da Federação Espírita de Salvador. Três, quatro livros, ele lia um e ia comparando com o outro; lia outro, e assim por diante, para depois ele dar a resposta.

A minha trajetória é de livros, é de cursos, você viu quantos certificados eu tenho? A pessoa tem que saber estudar o espiritismo para saber como é, como são as coisas, a vida das pessoas. No Obreiros do Bem, em Cachoeira<sup>13</sup>[1], eu fiz a minha formação. Lá eu estudei o espiritismo mesmo, redivivo, que é o Evangelho, o *Livro dos espíritos* e o *Livro dos médiuns*, de Allan Kardec. Depois, eu fui tomar curso para doutrinadora, para doutrinara a participação do evangelho de domingo. Era a mocidade, o grupo de jovens. E a gente para participar da mocidade, primeiro tem que se preparar com o evangelho. Tomei o curso de mediunidade, para doutrinara, curso de preparação da sopa para dar as crianças e aos idosos, tudo isso foi preparo no Obreiros do Bem. Com os meus 20 anos eu já estava pronta de tudo.

Tomei também o curso de evangelização para as crianças, com gravuras, eles dão as histórias para a gente adaptar para as crianças, de 5, 6 anos (eu ainda devo ter essas histórias todas guardadas). Saía de domingo com os meninos para passear, fazia minhas histórias, aí eu contava as histórias, apresentava, aí eu fui me desenvolvendo. Depois de adaptar a história, a pessoa fazia o quadro, colava, colocava o *passe-partout*; tudo isso eu sei fazer porque eu aprendi no espiritismo.

<sup>13</sup> Centro espírita que inaugura sede própria em 1935, na praça Marechal Floriano, Currais Velho, Cachoeira.



Terezinha na Federação Espírita, Pelourinho, Salvador, após a preparação do mingau. Dezembro, 2019.

Eu comecei a receber os espíritos logo. Porque quando você está doente, quando você tem a obsessão, já são eles atuando, mas o espírito superior, minha avó não podia atuar, porque tinham outros na frente para fazer a bagunça, são inimigos de outra encarnação. Porque todos nós temos inimigos, nós não somos perfeitos e não agradamos todo mundo. Também não é tudo que a gente aceita: estupidez, violência, preconceito... eu não aceito nada disso.

Eu sou médium de incorporação. Eu também vejo, eu não sou vidente, mas eu ouço tudo que o espírito está fazendo, e por isso a gente toma o curso de mediunidade: para quando ele se manifestar, você está consciente que não sou eu, mas que eu estou vendo tudo o que ele está fazendo. Porque têm uns que perdem os sentidos, quando eles incorporam. Eu não perco os sentidos, mas nem sempre você tem o controle de que ele não faça aquilo, mas você tem que tomar o curso para ir controlando através da mente.

Eu tenho uma escrava, tia Anastácia, ela não me deixa de jeito nenhum. Engraçado, eu desisti da mediunidade há um tempo, mas quando eu cheguei aqui em Salvador, ela manifestou em Nice, uma moça que frequenta a Federação. Ela deu manifestação. Tia Anastácia tem um sotaque; aí ela veio, pegou Nice, mas sem o sotaque. Eu disse, “toda tia Anastácia”, mas eu me aguntei, aí ela disse a Carlos: “essa entidade que se manifestou eu não conheço, não sei quem é”. Como eu já tinha a visão, eu disse “foi tia Anastácia”. Ele fez: “tia Anastácia, quem é?”, eu disse “É uma entidade que me acompanha”. Mas que danada, ela veio sem o sotaque! Eu gosto dela, ela não fala assim normal não, ela fala mesmo como analfabeta, tudo errado, mas ela é uma pessoa bem evoluída. E tem o gagueio também! Um menino de rua, que os

meninos ficavam dando pedrada, xingando e ele sempre ia no centro, ele quase não conversava. Quando foi um dia, ele manifestou chorando, dizendo a D. Odete que ia lá há muito tempo, há muitos anos, mas ficava quieto, porque era gago e ficava escondido, porque os amigos davam pedrada nele. Ele quase não falava, só chorava, e ele manifestou por mim a primeira vez. Eu conhecia ele como um espírito.

Eu sinto tudo, eu vejo, meu espírito afasta e ele incorpora. É um negócio fino. É por isso que a gente precisa ler muito, levar mais de um ano se preparando, para entender o que é a manifestação. Um dia desses a minha mãe manifestou preocupada por causa do meu neto, manifestou chorando e dizendo que não sabe por que esse menino ficou assim, ela conversando com S. Carlos, dizendo que Deus estava no comando e que ele ficar bom. Mas ela estava com pena de mim porque eu fico muito preocupada, choro muito. Um espírito perigoso estava acompanhando o meu neto...

Eu vim para Salvador há dois anos, para ficar perto do meu neto, aí é que comecei a frequentar a Federação Espírita aqui do Pelourinho, mas a lá de baixo, eu já frequentava<sup>14</sup>. Eles iam muito para Cachoeira, sempre iam, e quando vão, vai um grupo, fica todo mundo ali paparicando ..., e aquele negócio todo, um leva um docinho... Como tem o Congresso Espírita, eu já estava indo e voltando, hospedando aqui e lá. Eu só estava vendo como é, aí disse assim: “eu um dia que tiver congresso, eu vou cedo para ajudar a colocar os livros na pasta”. Chegando lá, comecei a criar amizade e Edinora ia muito lá, eu fazendo meu curso de bordado, aí eu convidava ela para vir fazer a abertura do meu trabalho.

No espiritismo, eu sou mais a ciência, apesar de não ser uma cientista. Quando o espírito se manifesta na gente sem que a gente seja doutrinada, a gente não entende nada. Às vezes, o mentor espiritual pode ficar dizendo ao espírito que ele já morreu, mas ele continua trabalhando. O doutrinador tem que insistir e mostrar ao espírito que ele já morreu. E o que faz a gente sofrer não é o espírito que está atuando na gente, no meu caso, a minha avó, mas os adversários. Mas, por que eu? Por que o espírito me escolhe? Porque esse negócio de espiritismo já vem de outra encarnação. Mas eu mesma peço agora para não ter manifestação. Eu não posso, não trabalho mais manifestação de espírito. Eu faço outras coisas na Federação, faço o mingau; qualquer trabalho que tiver, eu vou, e assim eu vou pagando a minha dívida com o passado.

É que quando um espírito das trevas pega a gente, quando ele vem ignorante, pega a gente com aquela estupidez..., mas o espírito já evoluído, educado, chega e a gente nem sente....

*Glória a Deus nas alturas, e paz na terra aos homens de boa vontade, e meus irmãos, quem está aqui é a irmãzinha, irmã Genoveva, eu sou uma neguinha preta, minha filha, aquela que trabalhou na casa do rico branco, aquela que trabalhou no engenho velho, aquela que labutou muito com a vizinha dela, é por isso que eu estou aqui, e acompanho essa nega preta aqui, que essa aqui é uma nega de ouro, de ouro, satisfeita, não é ambiciosa. E essa irmãzinha aqui, que Jesus Cristo acoberte todos que estão aqui, com paz, com*

<sup>14</sup> Na rua Coronel Jayme Rolemberg, 110, Bela Vista de Brotas.

*fé, com amor, com bondade e com esperança, viu? Eu sou irmã Genoveva, eu não aprendi a ler nem a escrever, mas não digo que não sei fazer nada não... É que essa negra preta aqui chega nos lugarezinhos e me identifico, e glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade, minha irmãzinha e viva Jesus, e que Jesus acoberte a todos com seu manto de paz, e de amor e de boa vontade.*

*E bote a sua mãozinha aqui, cuidado com os ciúmes, minha irmã, não precisa de tantos ciúmes não, muita força, muita paz, muita fé, que Jesus Cristo vai lhe dar força para você vencer a sua trajetória espiritual, viu minha irmã, e você vai vencer a sua trajetória, e a gente quando vem para aqui minha irmã, já vem com tudo organizado, com tudo nos conformes, tudo, tudo organizado. E viva Deus, minha irmã.*

*E bota suas mãozinhas aqui, minha irmãzinha, que Jesus Cristo te acoberte e não se preocupe não que você vai ficar boazinha desse cisto que você tirou. E você sabe que eu gosto muito da irmã? Eu gosto muito de você, minha irmã. Você traz paz para essa negona aqui, você traz a luz para essa negona aqui, e ela gosta muito quando você vem... Isso aqui é cismada, isso aqui é muito desconfiada... Que Jesus Cristo te acompanhe, com paz, com fé, muito carinho, muito amor, muita paz... silêncio...<sup>15</sup>*

Esta é irmã Genoveva, ela me acompanha há muitos anos. Ela não me deixa. Ela está no lugar que ela está. Quando teve agora essa epidemia da COVID, ela chamou S. Carlos da Federação Espírita. Ela disse a S. Carlos assim: “S. Carlos, preste atenção, eu vou lhe dar essa lição aqui. Disse Jesus: eu não vim destruir a lei, mas para fazer cumprir a vontade do pai dele. Mande todo mundo ler e estudar, que para a semana eu venho”. S. Carlos não ligou muito não. Aí ela mandou recado para ele: “Eu disse que juntasse todo mundo”, porque ela queria conversar com o grupo todo. E ela disse também que fora da caridade, não há solução.

Vocês acreditam em reencarnação? E em Deus? Eu acredito, mas tem hora que a fé falha. Tem horas que tem muita coisa atravessando... É preciso ter muita fé, porque tem hora que embaraça aquela linha assim... Semana passada mesmo eu me embaracei com a linha e me perguntei, “oh, gente como foi isso assim?”. Tem horas que é tanta coisa que acontece que eu me pergunto “Meu Deus como eu possa ainda ter fé, não é?” Deve ser os espíritos das trevas querendo atravessar a gente. Tudo é muito difícil...

### **O clube de mães, a merenda escolar**

Eu tive meus filhos, e você sabe quando a gente tem o primeiro filho, o segundo e o terceiro, aí as coisas já mudam, tanto na parte da união como na parte dos filhos. Eu tive oito filhos sem trabalho, quer dizer costurando, fazendo um docinho, uma costura, isso eu sempre fiz. E também vendendo terra que eu tirava de junto do cemitério e peneirava a terra para vender, para poder pagar a escola dos meninos. Uma vez mamãe disse ao meu marido assim: “Zinho, o tempo está passando, os meninos estão crescendo, eu quero pagar o INSS de Terezinha, você paga uma parte, eu pago a outra”. E ele disse à mamãe que não

<sup>15</sup> Nota do editor: seguindo a orientação das autoras, segue, em itálico, a descrição deste momento de comunicação espiritual/possessão.

podia pagar. Eu sabia que ele podia pagar na época. Mas eu continuava fazendo minhas costurinhas, uns vestidinhos; o pessoal pagava ou não, pagava de duas vezes, ou de três, mas eu recebia, e eu podia dar uma parte para o INSS, que era mensal.

Daí um pouco apareceu uma amiga e eu entrei para o Clube de mães da Igreja em São Félix, na Baixa Fria, que o padre João ajudou a criar. Levei seis anos no clube, a reunião era dia de domingo. Esse clube organizava a vida das pessoas. Foi quando eu comecei a sair de dentro de casa e a entender que eu precisava trabalhar fora. Aí teve a primeira reunião e eu participei muito, falei muito, eu e Zelita, da Boa Morte. O primeiro Clube de mães começou na casa D. Conceição, no Varre Estrada, no caminho para a Serra do Cavalão. Ela era da Igreja e eu já era espírita.

Foi D. Conceição que me ajudou a começar a vender as minhas coisas. Eu sabia fazer tudo, mas me desembaracei mesmo para poder vender as coisas depois. D. Conceição disse, “venda Terezinha, venda”. Aí eu comecei a recortar os TNT e vender os paninhos, comecei a fazer toalha de prato, já com batinha aberta, que eu aprendi com minha mãe. E aí eu fui vendendo e ajudando no açúcar, no café.

Imagina você amanhece o dia e não tem nada dentro de casa, não tem açúcar, não tem café, não tem farinha, não tem feijão, não tem arroz... Nem a farinha para fazer o mingau dos meninos. Aí você consegue um pouco de farinha na casa da vizinha. Aí meio-dia você arruma alguma coisa para tapear, de noite arruma pão, desses pequeninhos para dividir. O clube de mães da Igreja dava uma farinha, mantimentos, leite, para distribuir; vinha um caminhão e deixava tudo lá.

E eu logo fiquei como presidente do clube, eu é que distribuía tudo. Aí eu me desenvolvi. Tinha reuniões em lugares diferentes, tinha viagens com o padre. O padre, quando eu saía junto com o grupo, se sentava junto de mim, para me ensinar a comer, a pegar no garfo, e foi assim. E nessa época eu já era espírita, bem envolvida no centro espírita. Eu não tinha cargo nenhum, estava espírita ainda estudando.

Com o clube de mães eu saí de casa, botei as asas para fora. A partir daí fui trabalhar na merenda. O primeiro dia que eu saí para trabalhar, a menina pequena, Milena, novinha, recém-nascida ... Aí eu olhei para um lado, olhei para o outro, enrolei ela toda, subi a ladeira e disse a Valda, irmã daquela que me ensinou a costurar. Valda, eu vim lhe pedir um favor, eu achei um trabalho na merenda escolar, na hora que eu vou saindo a menina começou a vomitar, eu trouxe para você tomar conta. Ela disse “Ave Maria, me dê que eu fico, vá logo, vá logo, não precisa vir meio-dia não”.



Terezinha na porta do prédio onde funcionava a merenda escolar em São Félix, em rua lateral ao lado do prédio do INSS, entre a rua Dannemann e a 20 de dezembro. Outubro de 2022.

Nunca tinha trabalhado fora de casa. Como mamãe pediu para ele pagar o meu INSS e ele disse que não podia, aí eu fui trabalhar. Através do clube de mães eu arranjei as amigas. Gracinha (Maria das Graças Cerqueira Meneses), que é minha comadre e mora em Arembepe, era secretária da prefeitura e foi ser secretária do governo em São Félix, ela me arranjou esse trabalho e eu entrei na merenda escolar, porque ela foi estudar em São Paulo e eu fiquei no lugar dela. A merenda escolar tinha uma sede, uma cozinha, do lado de onde é o INSS hoje, ainda hoje tem a casa. Tinha o nome de merenda escolar, hoje é uma secretaria da prefeitura.

Na merenda escolar eu fazia tudo, mingau por exemplo, porque o clube de mães dava curso de mingau, eu já sabia fazer. Na semana que eu entrei na merenda escolar, o clube de mães tinha dado um curso: a “comida do trigo”, tudo que se podia fazer com o trigo. E deu o curso de arroz doce do trigo, antes de eu entrar na merenda. No dia em que eu entrei na merenda, estava escrito que naquele dia era bugo. Aí eu disse, o que é bugo? Porque no clube de mães chamava trigo de triguilho e na merenda escolar chamava bugo. Aí eu disse, “ah, eu sei fazer, eu sei fazer o arroz doce e sei fazer a comida”.

De dia a gente fazia o mingau, o mingau era mais fácil para a gente cuidar, quando o mingau saía para as escolas, já entrava a parte da tarde para

fazer a merenda da tarde, e eu já ia cuidar da minha merenda do outro dia de manhã. Quando é no outro dia, eu ia cedo para fazer o bugo, deixar tudo temperado, tudo pronto; botava o trigo para cozinhar, antes botava ele de molho, escorria para fazer os bolinhos, com todos os temperos, depois dos bolinhos prontos, fritava, arrumava, colocava tempero por cima e mandava para a escola.

Como merendeira eu era funcionária da prefeitura de São Félix, fazendo o mesmo trabalho, e me aposentei nessa função. Trabalhei vinte e cinco anos na Prefeitura. E depois estava havendo contrato para a capital, aí eu consegui com o prefeito de São Félix, Eduardo Macedo, um contrato no Estado. De forma que eu tenho duas aposentadorias, duas, mas que não vale uma, entende? Uma eu trabalhei ganhando 39 cruzeiros até o dia que me aposentei, trabalhava o dia todo. E a outra, a do Estado, eu consegui a integral. E no Estado eu fazia a mesma coisa, merenda escolar, era o mesmo material, tudo igual. Eu trabalhava de manhã e à tarde, no mesmo lugar, mas com dois contratos. Eu tenho a carteira profissional, está tudo lá. No dia em que eu fiz 60 anos, entrei com o pedido de aposentadoria na prefeitura. E aí eu trabalhei mais dez anos pelo Estado.



Carteira profissional na qual Terezinha está registrada como “zeladora”. Outubro de 2022.

O diário de formação online é um dispositivo de formação e pesquisa eminentemente político. A/o atriz/ator social se autoriza a narrar tensionada/o, mobilizada/o por implicações pessoais e coletivas. O diário faz

emergir o ponto de vista da narradora/do narrador, mesmo que esta/este esteja impregnada/o por pontos de vista outros. E as decisões por vir são de responsabilização do sujeito em formação. Então, o diário se ancora na política de autorização e autonomização, (JOSSO, 2004)

### O sindicato

Antes de entrar para trabalhar no Estado, eu entrei no sindicato. Eu entrei no sindicato, porque a prefeitura não pagava nada. Não pagava 13o, não pagava fundo de garantia, eu não tinha direito a nada, só tinha direito a esses 39 cruzeiros, que era o dinheiro das crianças; e eu só enfrentei para ter outra matrícula por causa do dinheiro dos meninos, 8 filhos na época, assim recebia um dinheirinho a mais.

Eu era esperta, aprendi com a minha mãe, D. Eduarda, que era uma mulher fantástica, analfabeta de pai e mãe, com um cabelinho curtinho, desse tamaninho assim... O sindicato, eu filiei as pessoas por causa de uma enchente, acho que foi em 1989<sup>16</sup>. Teve essa enchente em São Félix que fez nós entrarmos para a escola sem nada, que a enchente tinha levado tudo. A escola virou depósito de morto, porque ela ficava perto do cemitério e no que desceu a água, tinha morto junto da escola. Não fui eu quem fiz a limpeza da escola, foi o povo da prefeitura, o povo que eles contrataram. Aí mandaram buscar Maria José para ver a situação e ela veio.

Maria José Rocha foi candidata à deputada estadual, ela foi colega de minha irmã. Uma menina pobre que não tinha nada, já na faculdade, se formando para professora, e a blusa dela toda puidinha, pois não tinha condição de comprar outra<sup>17</sup> Margarida, minha irmã, disse assim que o povo chamava ela de “irmã pobre”, ela ia para a escola e quando marcava prova, ela saía pedindo aos colegas “me empresta uma caneta aí” para fazer a prova porque ela não tinha nada. Quando é um dia, Margarida diz que liga a televisão, e está vendo Maria José, e ela fica pensando “Maria José como foi que se desenvolveu assim”. Ela com toda a pobreza entrou na faculdade, aí muda, as coisas mudam.

Então teve um encontro em São Félix e convidaram Maria José; Maria José já estava na APLB, no sindicato. Quando ela veio para São Félix, eu disse a ela: “Margarida disse que lhe viu na televisão e gostaria de saber como foi que você se desenvolveu”. Ela disse, “ah, minha filha, eu era tímida, mas foi o teatro, o teatro desenvolve muito as pessoas”. Aí eu disse a ela que era irmã de Margarida. “Ah, Margô”, ela me disse. Aí criou uma amizade e quando ela vinha para Cachoeira, porque São Félix não tinha sede do sindicato, eu ia ver. Eu me inspirei nela, ela me deu asas... Eu também comecei a fazer teatro, viajei ainda para tudo quanto foi lugar no teatro.

No dia da enchente ela me disse: “olha, a primeira coisa que você vai fazer é filiar esse povo todo”. Eu me filiei por Salvador, mas aconteceu que saiu

<sup>16</sup> Há registros de sucessivas enchentes ocorridas em São Félix: em 1930, 1940, 1960, 1980 e 1989. Imagens delas podem ser consultadas em <http://arquivomunicipaldesaofelix.blogspot.com/2010/05/enchentes-de-30-40-60-e-80-em-sa-o-felix.html>. Acesso em 30 de outubro de 2022.

<sup>17</sup> Maria José Rocha foi eleita deputada estadual pelo Partido Comunista do Brasil (PC do B), em 1990. Em 1994, foi reeleita pelo Partidos dos Trabalhadores (PT).

a professora de Cachoeira, não tinha quem entregasse papel do sindicato, aí me convidaram para entregar papel. Ela trouxe material para eu filiar o povo, mas eu não podia filiar ninguém, porque não era sindicalista. Aí ela conversou com Rui Oliveira e com Marinalva do sindicato. Sim, porque saiu a moça de Cachoeira e ninguém queria o lugar dela porque diziam que sindicato era coisa de gente ruim, isso diziam há trinta e poucos anos atrás. Aí me convidaram se eu queria entregar papel e eu disse: “eu quero”. Eu tomava conta do sindicato de Cachoeira, Muritiba, Maragogipe, Cruz das Almas, aí eu ampliei. Virei sindicalista da ABPLB sem ser professora.

Eu tinha a comunicação com os professores. Porque quando eu trazia o papel, eu queria saber tudo que estava ali declarado, porque quando tinha a reunião, eu anotava tudo. Sim, quando tinha reunião, eu tinha que ir, eu levava um caderno e anotava tudo. Era um ditado, eles iam falando e eu *tchutchutchu...* anotava tudo. Depois eu mostrava. Já trazia tudo arrumadinho, entregava os papéis, eu já sabia explicar tudo. E isso eu estou sem formatura, sem nada. Aí eles disseram, “olha, nós já conversamos aqui e nós vamos lhe convocar como diretora da APLB, se o povo de São Félix votar em você, você já é uma das diretoras”. Porque eu levava tudo, levava toda informação, material, conversava, fazia reunião.

Eu sou louca... você saber que eu já fui até locutora de rádio em São Félix? Pedi para ser locutora. De manhã cedo eu orava, pedia por todo mundo e orava pelos motoristas. Fazia prece, lia trechos do evangelho, eu queria ter um lugar para aliviar o meu pensamento. Aí no rádio eu só fazia coisa de espiritismo. Mas eu estava também no sindicato e fazia uma parte que não era do sindicato. E todo mundo sempre me tratou muito bem no sindicato, porque eles acham que eu sou calma, não me envolvo com nada que não me interessa, eu só me envolvo com coisas do sindicato se me interessar. E na Federação espírita quando uma vez disseram, “Terezinha, o sindicato é uma coisa pesada”, eu virei e disse “não se preocupe, que eu sei até onde eu subo o degrau”.

Aí pronto, todo mundo votou em mim, porque eu fazia reunião, eu levava os papéis que ninguém levava. Fiquei trinta e três anos na direção. Tinha condução do sindicato para ajudar a levar os papéis para Mangabeira, terra de Castro Alves. Quem entregava papel às professoras, aos diretores, era eu; quem levava o ofício ao diretor para entrar no ginásio era Terezinha, com o meu nome. Eu ia para a rua, ia andar... botava passeata na rua, convocava todos os professores, ia para Cachoeira, para o ginásio particular, pedia o carro emprestado ao homem, ele dizia “a senhora tem condições de botar gasolina?”, eu dizia “eu tenho, só não tenho condições de pagar o carro”. Aí eu botava gasolina e ele mandava o carro de som com locutor, com tudo, para sair na rua.



Almoço no Sindicato APLB, Salvador, 10 de dezembro de 2019.



Material de uma das candidaturas de Terezinha.

Um dia me convidaram a sair como deputada em São Felix, por um partido de direita e eu atuando no sindicato. Eu disse não. Conversei com um rapaz de Cachoeira que era meu amigo, trabalhamos juntos. Ele disse “saia candidata”. Eu sair pelo PFL era muita ingratidão. E esse rapaz disse “você então se filia ao PC do B”. Aí eu telefonei para a Alice Portugal, que estava no lugar de Maria José, que virou deputada federal pelo PC do B e foi embora para Brasília, e lá ficou naquela amizade com Lula, acho que já eram amigos. Porque a minha amizade com Lula foi através de Maria José.

Aí eu me filiei ao PC do B para sair candidata à vereadora. Eu me candidatei três vezes como vereadora, a última foi em 2018. O PC do B é diferenciado, não é como os outros partidos não, ele é atuante em papel, tem muita reunião, tem muito congresso do partido, a gente viaja muito. Essas viagens de Brasília que eu faço é também com o PC do B, com sindicato, a UNEGRO, uma entidade do movimento negro de Salvador, ligada ao PC do B. Mas para viajar sozinha agora, fica difícil. Em 2017 teve um problemzinho, teve um encontro, eu não me dei bem com a comida e atacou o estômago, deu uma dor, saí para ir ao hospital, todo mundo viajou e eu fiquei internada. Depois estive doente, teve a pandemia, parei de viajar, fiquei mais em casa.

Mas o sindicato, o sindicato é uma escola, mais até do que uma universidade. No sindicato, já sou uma pessoa internacional, multinacional, viajei muito, Rio de Janeiro, São Paulo, Goiás, Brasília, Rio Grande do Sul, Rio Grande do Norte, até mesmo para fora do país. Com o sindicato eu voei.

## Referências

- D'AVILA, C. Formação docente na contemporaneidade: limites e desafios. *Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 17, n. 30, jul./dez. 2008. p. 33-41.
- BARBOSA, Elizabete Pereira. *A fábrica, a casa e a escola: as políticas de educação para a infância no Recôncavo fumageiro da Bahia (1925-1946)*. Tese de doutorado em Educação, UFBA, 2015.
- BRANDÃO, Maria de Azevedo (org). *Recôncavo da Bahia. Sociedade e economia em transição*. Salvador, Academia de Letras da Bahia/UFBA, 1997.
- ELOY, Priscilla da Silva. *A fábrica de charutos Suerdieck no Recôncavo baiano: memórias e histórias de trabalhadores de 1935 a 1950*. Mestrado profissional em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas, UFRB, 2016.
- ESPÍRITO SANTO, Diana & BLANES, Ruy. *The social life of Spirits*. The University of Chicago Press, 2014.
- FRAGA FILHO, Walter. *Encruzilhadas da liberdade. História de escravos e libertos na Bahia (1870-1910)*. Editora da UNICAMP, 2006.
- HØJER, Lars & BANDAK, Andreas. “The power of example”, *Journal of the Royal Anthropological Institute* (N.S.), 1-17, 2015, p. 1-17.
- LEWGOY, Bernardo. *Os espíritas e as letras: um estudo antropológico sobre cultura espírita e oralidade no espiritismo kardecista*. Tese de doutorado, PPGAS/ USP, 2000.
- PORTO FILHO, Ubaldo Marques. *História dos charutos Dannemann*, edição do autor, 2014.
- ROTAS DA ALFORRIA. *Trajetórias da População afrodescendente na região de Cachoeira, BA*. COPEDOC/IPHAN, Rio de Janeiro, 2008.
- SILVA, Elizabete Rodrigues da. *Fazer charutos: uma atividade feminina*. Dissertação de Mestrado em História, UFBA, 2001.
- SANTANA, Rosileia Prado. *Riqueza e poder no Recôncavo da Bahia, São Félix, 1890-1930*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, UFRB-Cachoeira, 2016.
- SILVA, Pedro Arcanjo da. *Bienal do Recôncavo, aspectos de uma intervenção contemporânea*. Dissertação de mestrado, Escola de Belas Artes, UFBA, 2010.
- SOUZA, Oseas F. de Oliveira e. *História e memória de São Félix*, Prontuário Ateliê Editorial, 2018.

## Nota Biográfica

### Terezinha de Jesus Oliveira da Silva

É funcionária pública aposentada, associada à ABLP, Sindicato dos Trabalhadores da Educação do Estado da Bahia, e filiada ao PC do B, sigla pela qual concorreu a cargos políticos em São Félix, BA.

### Fernanda Arêas Peixoto

Doutora em Antropologia pela Universidade de São Paulo (USP), é professora do Departamento de Antropologia da USP e autora, entre outros, de *Diálogos brasileiros: uma análise da obra de Roger Bastide* (2000) e *A viagem como vocação: itinerários, parcerias e formas de conhecimento* (2015).

E-mail: [fapeixoto@usp.br](mailto:fapeixoto@usp.br)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5100-6635>

Recebido em: 24/09/2023

Aceito em: 15/10/2023